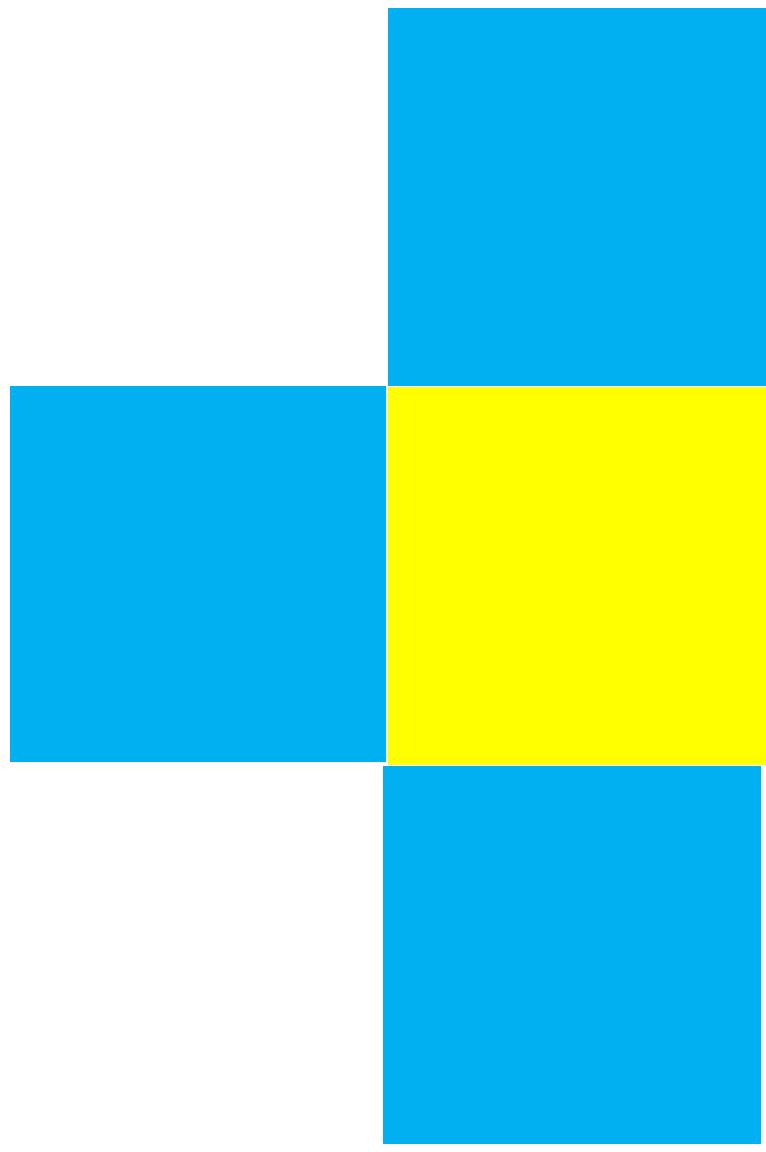


Subimperialismo de plataforma*

Kenzo Soares

Autor e tradutor. Doutor formado pelo PPGCOM-UFRJ. Pesquisador associado ao Platform Cooperative Consortium e ao ICDE-The New School. Servidor de carreira e analista do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação.



Resumo: Este artigo propõe o conceito de Sub-imperialismo de plataforma, integrando o arcabouço teórico de Ruy Mauro Marini com estudos contemporâneos sobre capitalismo de plataforma. Examina as conexões entre plataformas regionais, superexploração e acumulação de dados, culminando no conceito de subimperialismo de plataforma: o surgimento de determinados países do Sul Global como potências subimperialistas de plataforma, atuando como centros regionais de acumulação de dados e capital por meio da expansão de suas plataformas em países vizinhos. Tal posicionamento constitui um estado intermediário entre as nações hegemônicas e as “colônias digitais” na divisão internacional do trabalho de plataforma, na acumulação de dados e na dependência tecnológica.

Palavras-chave: subimperialismo de plataforma; capitalismo de plataforma; trabalho digital; colonialismo de dados; platformização do trabalho; colonialismo digital.

Platform subimperialism

Abstract: This article proposes the concept of platform sub-imperialism, integrating Ruy Mauro Marini's theoretical framework with contemporary studies on platform capitalism. It examines the connections between regional platforms, overexploitation, and data accumulation, culminating in the concept of platform sub-imperialism: the emergence of certain countries in the Global South as platform sub-imperialist powers, acting as regional centers of data and capital accumulation through the expansion of their platforms in neighboring countries. This positioning constitutes an intermediate state between hegemonic nations and “digital colonies” in the international division of platform labor, data accumulation, and technological dependence.

Keywords: platform subimperialism; platform capitalism; digital labor; data colonialism; platformization of labor; digital colonialism.

Introdução

Seriam todos os países do Sul Global apenas “colônias digitais”, meros consumidores de serviços e fornecedores de dados brutos para plataformas do Norte Global? Este artigo apresenta uma hipótese alternativa: embora alguns países do Sul Global não estejam totalmente livres de sua dependência tecnológica e econômica em relação ao Norte, desenvolveram suas próprias plataformas. E a expansão dessas plataformas locais para países vizinhos reproduz dinâmicas de poder semelhantes entre países do Sul Global às observadas entre o Norte Global e o Sul. Esse fenômeno propomos chamar de *subimperialismo de plataforma*, conceito que vem sendo adotado para analisar plataformas brasileiras (Seto, 2025a), chinesas (Yilmaz, 2024) e turcas (Ersöz; Başaran, 2024), além de contribuir para a discussão mais ampla dos estudos de plataforma no Norte (Cristofari, 2024) e no Sul Global (Rikap, 2024; Faraoun, 2024).

No capitalismo dependente, o subimperialismo de plataforma corresponde à expansão das plataformas de uma potência subimperialista para países dentro de sua esfera de influência. Essa expansão atualiza a superexploração do trabalho no Sul Global por meio da sua platformização liderada por esses capitais subimperialistas. Além disso, realiza-se uma dupla acumulação proveniente dos países vizinhos: as plataformas subimperialistas acumulam *valor* e *dados* – uma nova dimensão de acumulação em comparação ao subimperialismo industrial – produzidos por trabalhadores de plataforma em escala regional. Em síntese, ao expandir suas operações, o subimperialismo de plataforma reforça o papel dos países subimperialistas como centros regionais de acumulação de dados e capital, posição intermediária entre os países hegemônicos e as “colônias digitais” na hierarquia global da economia de plataforma, da acumulação de dados e da dependência tecnológica.

Essa perspectiva é inovadora, dado o foco de longa data dos estudos sobre colonialismo de dados na extração de dados de populações do Sul Global apenas por plataformas do Norte Global (COULDREY; MEJIAS, 2018; RICAURTE, 2019; SILVEIRA, 2021; VAN DOORN; BADGER, 2020) e na vigilância estatal ocidental (MANN; DALY, 2018; MANNION, 2020), principal abordagem dos estudos sobre imperialismo de dados. Nessas pesquisas preocupadas com as relações de poder Norte-Sul, quando iniciativas de Big Data do Sul são tratadas, o foco recai em projetos ativistas (MILAN; TRERÉ, 2019; RICAURTE, 2019). Embora reconheçamos a relevância dessas contribuições, permanecem duas lacunas relevantes: (1) as relações de poder entre nações do Sul mediadas pelas tecnologias digitais e (2) o papel das plataformas do Sul Global nesse processo.

Para preencher essas lacunas, este trabalho concentra-se no papel do Brasil e de sua principal plataforma de trabalho, o *iFood*, na América Latina, por razões expostas na primeira seção, sem prejuízo de considerar que o sub-imperialismo de plataforma possa se desenvolver em outras regiões, como na Ásia e África, inclusive de forma mais clara, definitiva e desenvolvida. Para contextualizar historicamente nosso estudo, integramos o conceito de subimperialismo do pensador latino-americano Ruy Mauro Marini, discutido na segunda seção, aos estudos contemporâneos sobre capitalismo de plataforma. Dessa forma, buscamos compreender as conexões entre plataformas do Sul Global, superexploração e acumulação de dados tratadas nas duas últimas seções do artigo.

Centralidade do Brasil no capitalismo de plataformas latino-americano

Existem 27 plataformas sediadas na América Latina avaliadas em mais de US\$ 1 bilhão (STATISTA, 2022). A maior parte delas está concentrada no Brasil, hoje um dos principais pólos de sedes de plataformas do Sul Global fora da Ásia (NETO et al., 2022). Um exemplo do papel brasileiro nesse ecossistema é o *iFood*, plataforma de trabalho voltada para entregas. Embora tenha começado com fast-food, atualmente distribui

medicamentos, compras de supermercado, produtos para pets e itens de lojas de departamento, incluindo eletrônicos.

Fundado em 2011, o iFood iniciou sua expansão internacional em 2016, mirando os demais grandes mercados do continente — Argentina, México e Colômbia (COSTA; BEZERRA, 2022). Hoje é a maior plataforma de delivery da América Latina (STATISTA, 2023), coordenando 250 mil trabalhadores em 1 700 cidades e atendendo 43 milhões de consumidores (IFOOD, 2023). Isso o coloca como o 8.º aplicativo de delivery mais baixado do mundo (STATISTA, 2023). Seus usuários geram 20 bilhões de registros de dados por mês, insumo para sistemas de inteligência artificial nos quais a empresa investe US\$ 1,5 bilhão por ano (IFOOD, 2023).

Esse caso contradiz leituras de colonialismo digital que veem todo o Sul Global apenas como “uma mina de dados de baixo rendimento” (RICAURTE, 2019, p. 9). Ao mesmo tempo, plataformas latino-americanas não conseguem penetrar nos mercados do Norte Global (SETO, 2023); são plataformas regionais, criadas e operadas em âmbito geográfico específico (STEINBERG; LI, 2017). No iFood, o objetivo é dominar a América Latina, como explica seu fundador e CEO: “Não se trata do resto do mundo, mas do Brasil, México e Argentina. A palavra-chave não é expansão global; é um ecossistema forte” (BLOISI, 2022, p. 1).

Portanto, o exemplo reforça a necessidade de pluralizar a discussão do Capitalismo de Plataforma, investigando a emergência de “capitalismos de plataforma” no plural, atentos às trajetórias históricas de cada região (STEINBERG; LI, 2017). Como os estudos de plataformas regionais concentram-se sobretudo na Ásia (STEINBERG; LI, 2017), abre-se aqui um campo fecundo para investigações sobre a América Latina.

O subimperialismo e o Brasil

Para compreender as condições históricas que moldam o capitalismo de plataformas na América Latina, especialmente o papel do Brasil, recorremos à teoria de Ruy Mauro Marini (1973, 1977). Marini é um dos pioneiros na explicação de como certos países em desenvolvimento expandem sua influência econômica sobre mercados vizinhos ao mesmo tempo em que modernizam tecnologicamente suas economias, sem romper totalmente com sua subordinação às economias centrais.

Segundo Marini (1965), as economias latino-americanas são organizadas de modo a garantir a reprodução do capital dos países centrais, promovendo uma transferência permanente de valor da periferia ao centro por meio de déficits comerciais, endividamento externo, remessas de lucros e pagamento de royalties. Marini denomina esse processo de *capitalismo dependente*, cuja lógica central é a *superexploração da força de trabalho*, mecanismo que permite compensar parcialmente a perda de valor para o Norte e viabiliza a acumulação de capital local.

A superexploração ocorre quando os salários são sistematicamente mantidos abaixo do valor da força de trabalho, geralmente pela extensão ou intensificação do tempo de trabalho não pago. Essa dinâmica é evidenciada por altas taxas de desemprego estrutural, salários mais baixos em comparação aos países centrais, miséria permanente e condições de trabalho marcadas pela precariedade (Marini, 1965). Além disso, para sobreviver com rendimentos inferiores ao valor da força de trabalho no mercado formal, os trabalhadores são obrigados a suprir suas necessidades na medida do possível por mecanismos fora desse mercado, como a construção de moradias em terrenos e lógicas fora da especulação imobiliária nas periferias e favelas, além de amplo incentivo a pirataria, busca e recepção de mercadorias roubadas e outros processos que contribuem para reforçar sua marginalização por parte do Estado.

Históricamente, a promessa de taxas elevadas de mais-valia decorrentes da superexploração atraiu capital estrangeiro, que, combinado ao capital local, possibilitou a industrialização de alguns países latino-americanos no pós-guerra. No entanto, a superexploração também limita o poder de compra da classe trabalhadora, restringe os

mercados internos e obriga as economias mais industrializadas da região a buscar oportunidades em mercados externos (Marini, 1965). Sem capacidade de competir com as economias centrais nos mercados industriais globais, esses países passaram a mirar os mercados vizinhos como alternativa de expansão (Marini, 1977).

É nesse contexto que se configura o *subimperialismo*: a expansão do capital de economias latino-americanas industrializadas sobre países vizinhos mais pobres e periféricos, que são reorganizados conforme os interesses da potência subimperialista. Esses países se tornam mercados prioritários para exportações industriais e também territórios onde empresas subimperialistas estabelecem relações de superexploração para transferir valor ao país dominante (Marini, 1977).

Importa destacar que as potências subimperialistas não são imperialismos emergentes que disputam com as potências centrais o controle do mercado global. Trata-se, antes, de formas subordinadas de imperialismo local que sem desafiar a hegemonia dos países do Norte em escala internacional, buscam reafirmar sua relativa autonomia e liderança em suas respectivas regiões (Marini, 1977). Essa dinâmica persiste enquanto os capitais internacionais tolerarem a concorrência dos capitais subimperialistas no mercado regional e os Estados centrais reconhecerem a relevância política dessas potências em suas zonas de influência.

O Brasil consolidou-se como a principal potência subimperialista industrial da América Latina no século XX, reconfigurando a economia sul-americana em favor de sua própria acumulação de capital (Marini, 1977). Após um período de retração, o país retomou esse papel nos anos 2000, garantido pela criação do Mercosul como sua área de reserva de mercado regional, e ampliando investimentos e aumentando os retornos econômicos obtidos nos mercados vizinhos (TEMÍSTOCLES, 2016). A seguir, analisaremos como esse papel subimperialista influenciou o desenvolvimento tecnológico brasileiro.

Subimperialismo e desenvolvimento tecnológico

Os investimentos ocidentais oferecem concessões mais vantajosas aos países subimperialistas do que àqueles classificados apenas como dependentes, incluindo a transferência parcial de tecnologia (MARINI, 1977). O Brasil, por sua vez, utilizou a regulação como instrumento para obrigar empresas estrangeiras a investir em infraestrutura digital e capacidade computacional locais como condição de acesso ao seu mercado (GOETZ, 1986; SETO, 2021). Além disso, em conjunto com outros países do BRICS³, o Brasil apresenta maior formação de capital doméstico e atrai mais investimento estrangeiro direto do que todos os demais países em desenvolvimento somados (GROHMANN; QIU, 2020), condição que, conforme discutido anteriormente, Marini (1977) atribui ao papel subimperialista desempenhado pelo país.

Como resultado, o Brasil é o único país do Sul Global entre as dez nações com maior capacidade de supercomputação no mundo (SETO, 2023; SETO 2025a). Também é o único da América Latina a contar com grandes servidores de serviços de nuvem (TELEGEOGRAPHY, 2021) e a sediar o ponto de troca de tráfego (IXP) mais relevante da região. Essa infraestrutura é complementada por centros públicos de pesquisa tecnológica de excelência (MARINI, 1977), nos quais são formados a maioria dos profissionais de tecnologia do país (SETO 2025b), um contingente estimado em cerca de dois milhões de cientistas de dados e engenheiros de software (MAGGIONI, 2022).

A partir dessa infraestrutura digital, de um arcabouço regulatório ativo e de uma força de trabalho qualificada, o Brasil lidera investimentos em big data na região, sendo responsável por 36% do total dos investimentos latino-americanos nessa área (ABES, 2023). Isso lhe confere capacidade de impulsionar o desenvolvimento de plataformas digitais em escala continental.

Um exemplo emblemático dessa síntese é o iFood, plataforma que expressa a articulação entre capital nacional e estrangeiro — resultado do investimento conjunto do

fundo brasileiro Movile com o japonês SoftBank (SETO, 2023). A empresa também combina o trabalho precário de seus entregadores com o trabalho altamente qualificado de seus 3.000 cientistas de dados (IFOOD, 2023; SETO 2025b). Esse investimento em ciência de dados é fundamental para conectar a exploração do trabalho precarizado à produção e análise de dados, que está no centro do subimperialismo de plataforma, tema que será aprofundado na próxima seção.

Subimperialismo de plataforma: superexploração e produção de dados

Embora a análise de Marini tenha se concentrado no subimperialismo industrial do século XX, argumentamos que um fenômeno análogo, o subimperialismo de plataforma, está em curso com a expansão das plataformas de trabalho pela América Latina sob liderança de empresas brasileiras. Como o subimperialismo baseia-se na expansão regional da superexploração do trabalho em benefício da potência subimperialista, plataformas como o iFood reproduzem essa lógica ao atualizar a superexploração por meio da plataformaização do trabalho na região. Além disso, o subimperialismo da plataforma implica uma acumulação dual a partir dos países vizinhos: não apenas do valor produzido por trabalhadores, mas também dos dados gerados por eles e pelos consumidores, como veremos nas seções seguintes.

Trabalho em plataforma e superexploração

A plataformaização do trabalho elimina jornadas e salários fixos e impõe aos trabalhadores os custos diretos da própria atividade (GROHMANN; QIU, 2021; SETO, 2023). Essa eliminação de barreiras à exploração é justamente o mecanismo de ampliação da taxa de mais-valia que, segundo Marini (1965), está no cerne da superexploração. Outro fator que potencializa a superexploração é o uso de gestão algorítmica do trabalho,

com punições e incentivos automatizados que impõem a intensificação contínua dos ritmos de trabalho (SETO, 2023; SETO, 2024b).

Ainda que essas dinâmicas sejam globalizadas pelas plataformas, não impactam todos os territórios e populações da mesma forma. Marini (1992) já reconhecia o avanço neoliberal da precarização nos países centrais, mas afirmava que persistia uma assimetria estrutural entre o valor médio da força de trabalho e as condições de trabalho nos países centrais e periféricos. De fato, Grohmann e Qiu (2020) apontam a existência de uma geopolítica do trabalho em plataforma, com condições significativamente piores de rendimento e trabalho no Sul Global.

Na América Latina, a expansão das plataformas de trabalho está profundamente vinculada à precariedade histórica do trabalho no continente. Nesse sentido, a leitura histórica de Marini (1965) permite compreender que o que hoje é descrito como "precarização" (Grohmann; Qiu, 2020) é, na verdade, a expressão da superexploração estruturante da região. A maioria das plataformas latino-americanas oferece as piores condições de trabalho em plataformas do mundo, e quase nenhuma garante sequer um salário mínimo, incluindo o próprio iFood (FAIRWORK, 2022; Soeiro et al. 2025). Considerando que a superexploração, segundo Marini (1965), consiste em pagar ao trabalhador menos do que o necessário para sua reprodução, ou seja, abaixo do salário mínimo, fica evidente que a extrema precariedade das plataformas da região depende e reforça a superexploração. Isso é ainda mais visível no setor de entregas de comida e bens, o mais lucrativo e com maior número de usuários nas plataformas da América Latina (STATISTA, 2022).

O sucesso das plataformas subimperialistas na organização da superexploração lhes permite competir com eficácia nesses setores frente a plataformas do Norte. O domínio do iFood, por exemplo, levou à retirada do Uber Eats do mercado brasileiro, fato que Bloisi (2022, p.1) justifica afirmando que os entregadores do iFood “entregam em metade do tempo e com um custo três vezes menor do que os das plataformas norte-americanas”.

Como resultado, o iFood domina 39,2% do mercado de entregas da América Latina (STATISTA, 2023), organizando 250 mil trabalhadores em todo o continente e repatriando como lucro para sua sede no Brasil o enorme valor por eles produzido (SETO, 2023, SETO 2025a), um exemplo emblemático do subimperialismo de plataforma. No entanto, os territórios não são disputados pelas plataformas subimperialistas apenas como mercados consumidores ou reservas de força de trabalho precária, mas também como fontes de coleta de dados, tema que abordaremos na próxima seção.

Trabalho em plataformas e acumulação de dados

A expansão de plataformas como o iFood para países vizinhos resulta na apropriação de dados de consumidores locais, no que Seto (2020) chama de espoliação de dados: dados que resultam da interação dos consumidores com as plataformas, como as preferências dos usuários que solicitam entregas, tornam-se propriedade da plataforma por meio da imposição de seus termos de uso.

A produção de dados também é uma dimensão fundamental da plataformaização do trabalho, à medida que o trabalho se torna dataficado (Seto, 2020): cada interação do trabalhador com a plataforma gera dados para seu sistema algorítmico. Portanto, Van Doorn e Badger (2020) argumentam que o trabalho dos trabalhadores de plataformas resulta em uma “produção de valor dupla”: o valor do serviço primário prestado, a entrega de mercadorias no caso dos aplicativos de entrega, é ampliado pelo valor dos dados que produzem. Esses dados contribuem para a acumulação de valor de várias maneiras: como métricas para a gestão algorítmica do trabalho, intensificando sua superexploração; como insumos para otimização do modelo de negócios da plataforma; e como mercadorias, com os dados e o conhecimento derivado deles oferecidos pela plataforma a terceiros (Seto, 2023; Seto 2024a).

Como a produção de dados não é opcional nem remunerada para os trabalhadores de plataformas (Van Doorn e Badger, 2020), a dataficação do trabalho também contribui

para a superexploração ao expandir o trabalho não pago dos trabalhadores, incluindo o tempo durante a jornada dedicado a alimentar sistemas algorítmicos (Seto 2023; Seto 2024a). Essa expansão do tempo de trabalho não remunerado é uma forma de extração de mais-valia absoluta, o mecanismo fundamental da superexploração (Marini, 1977), demonstrando a conexão entre produção de dados e superexploração.

No caso do iFood, sua posição como a plataforma de entrega mais importante da América Latina significa que seus consumidores e funcionários geram 20 bilhões de registros de dados mensais (iFood, 2023), concentrados e analisados em seus centros de ciência de dados em São Paulo. Junto com outras plataformas brasileiras, o iFood contribui para a concentração dos fluxos de dados regionais transfronteiriços da América Latina nessa metrópole brasileira, o único hub da América do Sul entre os 25 principais hubs globais de fluxos de dados (McKinsey, 2019).

Em conclusão, a expansão de plataformas de países subimperialistas para países vizinhos significa expandir a acumulação regional de dados dirigida por eles. Elas estendem a produção de dados do trabalho precarizado por toda a sua região de influência enquanto concentram a análise de dados e o conhecimento resultante em suas sedes. Esse processo depende e reforça sua concentração regional de infraestrutura de big data, investimento em pesquisa e trabalhadores de tecnologia (Seto, 2025a; Seto, 2025b) capazes de transformar imensas quantidades de dados em informação útil, reproduzindo as bases estruturais de seu subimperialismo de plataforma.

Conclusão

Por meio do conceito de subimperialismo de plataforma, buscamos compreender as especificidades da plataformação do capitalismo dependente, com foco em uma região onde o Brasil historicamente atua como potência

subimperialista. Em comparação com o subimperialismo histórico, a inovação reside na expansão de uma estratégia de acumulação baseada na industrialização para uma

economia de plataformas. A produção de valor e de dados em escala continental, impulsionada pela dominância do Brasil no mercado regional de plataformas de trabalho (NETO et al., 2022), exemplificada pelo caso do iFood, consolida o país como polo de acumulação de dados e capital, estabelecendo-o como uma potência subimperialista de plataforma.

Dadas as limitações de espaço deste breve comentário, nossa análise concentrou-se no Brasil e no iFood, principal plataforma de entregas do continente. No entanto, outras potências regionais podem apresentar dinâmicas semelhantes de subimperialismo de plataforma (Yilmaz, 2024), que serão objeto de investigações futuras.

Por fim, os resultados aqui apresentados evidenciam a complexidade do debate político latino-americano sobre a economia de plataformas, em que, sem uma abordagem classista e plurinacional, políticas nacionalistas podem servir para justificar que Estados latino-americanos financiem plataformas nacionais enquanto “campeões nacionais”, mesmo que baseadas na superexploração e na precariedade do trabalho, contribuindo, assim, para reforçar o subimperialismo de plataforma. Em contraposição, é possível construir um outro modelo de platformização do trabalho baseado na dignidade dos trabalhadores, cumprimento da função social dos dados e reforçando a soberania tecnológica popular a partir de algoritmos dos oprimidos, mas esse cenário depende decisivamente da capacidade dos trabalhadores conquistarem a redefinição da política atual dos Estados do Sul Global para os mercados digitais (Seto, 2025c).

Referências

- BLOISI, F. Fabricio Bloisi's ambitious plans for Ifood. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: bit.ly/3PowymM. Acesso em: 7 jan. 2022.
- COSTA, A. M. L.; BEZERRA, J. E. Expansão territorial das foodtechs no Brasil no contexto da pandemia de COVID-19. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, v. 44, n. 4, p. 9-33, 2022.
- COULDREY, N.; MEJIAS, U. A. Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. *Television & New Media*, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 336-349, 2019.

CRISTOFARI, G. Understanding the “platform” keyword: An inquiry on the contested use of metaphors in platform studies. *Platforms & Society*, [S.l.], v. 1, p. 1–13, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/29768624241285294>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ERSÖZ, B.; BAŞARAN, A. Navigating resistance on digital platforms: Delivery and transportation labor in Türkiye. *Frontiers in Sociology*, [S.l.], v. 9, 1456617, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3389/fsoc.2024.1456617>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FAIRWORK. Fairwork Annual Report 2022. Oxford; Berlim: Fairwork, 2022.

FARAOUN, A. Theorizing labor in the platform economy: Labor restructuring in historical perspective. *Sociology Compass*, [S.l.], v. 18, e70018, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1111/soc4.70018>. Acesso em: 12 jul. 2025.

GOETZ, A. M. Information Capacity and Power in North-South Relations: Transborder Data Flow and the Case of Brazil. *Millennium: Journal of International Studies*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 48-72, 1986.

GROHMAN, R.; QIU, J. Contextualizing Platform Labor. *Revista Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 1-15, 2020.

IFOOD. O que é o iFood? Conheça a história e a operação da empresa. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: bit.ly/3IHv2bU. Acesso em: 7 jan. 2022.

MANN, M.; DALY, A. (Big) Data and the North-in-South: Australia's Informational Imperialism and Digital Colonialism. *Television & New Media*, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 379-395, 2019.

MANNION, C. Data imperialism: The GDPR's disastrous impact on Africa's E-commerce markets. *Vanderbilt Journal of Transnational Law*, [S.l.], v. 53, p. 685–711, 2020.

MARINI, R. M. América Latina: dependência e integração. São Paulo: Marco Zero, 1992.

MARINI, R. M. Brazilian interdependence and imperialist integration. *Monthly Review*, [S.l.], v. 17, n. 7, p. 14-24, 1965.

MARINI, R. M. La acumulación capitalista mundial y el sub-imperialismo. *Cuadernos Políticos*, México, n. 12, p. 20-39, 1977.

MCKINSEY & COMPANY. Navigating a World of Disruption. Report for the World Economic Forum. [S.l.: s.n.], jan. 2019.

MILAN, S.; TRERÉ, E. Big Data from the South(s): Beyond Data Universalism. *Television & New Media*, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 319-335, 2019.

NETO, V. J.; CHIARINI, T.; RIBEIRO, L. C. Voyages of Discovery: Charting the new geographies of platform economy. In: *Anais do VI Encontro Nacional de Economia Industrial - ENEI*. [S.l.: s.n.], 2022.

RICAURTE, P. Data Epistemologies, The Coloniality of Power, and Resistance. *Television & New Media*, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 350-365, 2019.

RIKAP, C. A fit-for-purpose platform research agenda for a broken world. *Platforms & Society*, [S.l.], v. 1, p. 1-3, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/29768624241263951>. Acesso em: 12 jul.2025.

SETO, K. S. A função social dos dados e os algoritmos dos oprimidos. In: BARBOSA, B. et al. (Org.). *TIC, governança da Internet, gênero, raça e diversidade: tendências e desafios* [e-book]. São Paulo: NIC.br, 2024c. p. [faixa de páginas].

SETO, K. S. Acumulação capitalista por meios digitais: novas teorias da mais-valia e da espoliação do General Intellect. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 143-160, 2020.

SETO, K. S. AI from the South: artificial intelligence in Latin America through the sociotechnical imaginaries of Brazilian tech workers. *Globalizations*, [S.l.], p. 1-16, 2025a. DOI: 10.1080/14747731.2025.2465166.

SETO, K. S. O algoritmo e o capital: ensaios introdutórios à economia dos meios digitais. Curitiba: Appris, 2024b.

SETO, K. S. Platform sub-imperialism. *Big Data & Society*, [S.l.], v. 11, n. 2, 20539517241249410, 2024a. DOI: 10.1177/20539517241249410.

SETO, K. S. Regulação de Plataformas Digitais: uma Revisão Sistemática de Literatura. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 223-250, 2021.

SETO, K. S. Subimperialismo de dados: uma crítica ao colonialismo de dados diante das Big Techs sul-americanas. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 165-184, 2023. DOI: 10.54786/revistaepic.v25i2.19199.

SETO, K. S. Voices of Brazilian tech workers: emerging collective actions in Brazil's tech community. *Work Organisation, Labour & Globalisation*, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 50-66, 2025b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48820062>. Acesso em: [dia mês ano].

SILVEIRA, S. A. The Hypothesis of Data Colonialism and Neoliberalism. In: SILVEIRA, S. A. et al. (Org.). *Data Colonialism*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

SOEIRO, J.; SETO, K. S.; RIESGO GÓMEZ, V. Varieties and similarities of platform capitalisms: a comparative approach of labour regulation in Brazil, Portugal and Spain. *Frontiers in Sociology*, [S.l.], v. 10, 1454324, 2025. DOI: 10.3389/fsoc.2025.1454324.

STATISTA SEARCH DEPARTMENT. Leading unicorn companies based on market value in Latin America in 2022. Statista, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/9hi7>. Acesso em: 7 jan. 2024.

STATISTA SEARCH DEPARTMENT. Online food delivery in Latin America. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: bit.ly/3TnQx6r. Acesso em: 7 jan. 2024.

STEINBERG, M.; LI, J. Introduction: Regional Platforms. *Asiascape Digital Asia*, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 173-183, 2017.

TELEGEOGRAPHY. Global Internet Map. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://shre.ink/rLsn>. Acesso em: 7 jan. 2022.

TEMÍSTOCLES, P. G. Sub-imperialism and Capital-imperialism: current reflections on dependent capitalism in Brazil. *Cuadernos de Economia Crítica*, [S.l.], v. 3, n. 83, p. 169-184, 2016.

VAN DOORN, N.; BADGER, A. Platform Capitalism's Hidden Abode: Producing Data Assets in the Gig Economy. *Antipode*, [S.l.], v. 52, n. 5, p. 1475-1495, 2020.

*Tradução e atualização inédita em português de artigo publicado originalmente na *Big Data & Society* (Seto, 2024a).